

MERGULHO

Mauricio Pimentel

O que sinto diante da pesquisa e do conhecer não me vem desde sempre. É bem verdade que a curiosidade e a vontade de aprender sempre me acompanharam, desde menino, mas as obrigações e a forma adotadas no ensino fundamental, cumprido em escola particular e religiosa, sempre impuseram muitos limites à forma criativa e prazerosa de aprender.

De fato a Universidade é que teve papel motivador deste espírito em mim. Foi então que mesmo seguindo os processos formais, pude dar asas à minha vontade de aprender, conhecer e discutir e assim passar de modo invejável pela graduação.

Já ao fim do curso comecei a tomar contato com a prática da pesquisa e a perceber o imenso mar que é o conhecimento humano; e como o mar, encantador.

Encantava-me a percepção de que ao contrario da matéria, que quanto mais detalhada menor fica a parte estudada, o conhecimento torna-se maior em amplitude e desafio quanto mais profundo e estrito. Assim como o oceano que quanto mais observado, mais curioso e pitoresco torna-se.

A comparação é significativa.

O fundo do mar é na verdade uma pequena parte do fundo que corresponde ao mar – ou porção dele – observado e portanto é o fundo de um pequeno mar que se pode limitar e estudar, não o fundo do todo. Este todo demanda outro desafio, que se abre frente às descobertas já realizadas.

Assim como no mar, o convite e a sedução a um mergulho no conhecimento são fortíssimos, e eu me joguei.

Neste mergulho vivi, como em qualquer outro, a sensação da imersão, da absorção e da pequenez. Imediata foi a vontade de ir ao fundo, a pique e de realizar a próxima descoberta.

Inicialmente tudo parece liberdade e o mergulho é todo do mergulhador. Que o faça como quiser!

Mas aos poucos surgem as regras: de segurança, de sobrevivência e de retorno; as boas práticas e a necessidade de registrar tudo a fim de poder contar a todos o mergulho realizado. Então se inicia o processo racional do mergulho e faz-se claro que a primeira impressão, a da total liberdade, se restringe e se apresenta com outra face: a do método.

O mergulho torna-se então técnico, real e produtivo. Exige muito mais do mergulhador que a mera entrega ao prazer e a sensação.

Deixa o mergulhador de ser um aventureiro e passa a ter responsabilidades sobre os resultados obtidos no mergulho.

E o mar, que outrora era sedutor, começa a ser cansativo. Consome o fôlego e o ânimo. Demonstra a suas exigências e caprichos.

Surgem o medo, a noção do risco e do insucesso. O mergulho torna-se preocupante; crítico.

O oxigênio vai diminuindo. A sensação agora é de sufoco. E a expectativa é de alcançar a atmosfera respirar, como normalmente se fazia antes do mergulho. O oxigênio diminui e com ele diminui a autonomia e a possibilidade de estender a exploração e o aprendizado.

Surgem veios de arrependimento - "Por que mergulhei?" - que tornam-se tão vivos e fortes que quase põem toda a realização por água abaixo e aí é que se faz necessário, em curtíssimo prazo de tempo, retomar a calma, rever os planos e assumir uma postura de objetiva busca do fim do mergulho.

Das últimas forças surgem a energia e a capacidade justas e necessárias para levar o mergulhador pra fora do mar, da imersão e da absorção, mas não do sentimento de pequenez que se agiganta frente o medo de não cumprir o mergulho até o fim.

- Finalmente o ar.

Mergulho terminado, terra firme, ambiente e vida normal.

Juras de jamais mergulhar outra vez.

O mergulhador jamais será o mesmo.

A experiência, a observação e o conhecimento adquirido o transformaram profundamente. Ver aquela porção do fundo do mar foi uma realização, uma sublimação.

Em seu momento de descanso e de reconforto relembra a aventura. As cores, as pedras, os peixes, as formas, o tempo, o frio...

- Como seria em outro lugar? Que outros peixes, cores e formas poderiam ser ainda descobertos.

- Não, não, não... Nada de mergulhos.

- Talvez só mais um. Melhor planejado. Equipado de outra forma. Com outra tecnologia. Em outro mar.

Como poderia ser melhor. Onde? Quando?

E a sedução ao mergulho no mar do conhecimento toma conta, por todo sempre, da alma do mergulhador, que se não mergulha sente-se infeliz e inútil.